

Revista
Latino-americana de

**Geografia e
Gênero**

Volume 8, número 1 (2017)
ISSN: 2177-2886

Artigo

O Espaço Furtivo das Crianças e Adolescentes do Sexo Masculino nas Experiências de Violência Sexual

El Espacio Furtivo de los Niños y Adolescentes de Sexo Masculino en las Experiencias de Violencia Sexual

The Furtive Space of Child and Adolescent Males in Sexual Violence Experiences

Rodrigo Rossi

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Brasil
mimdigo@gmail.com

Como citar este artigo:

ROSSI, Rodrigo. O Espaço Furtivo das Crianças e Adolescentes do Sexo Masculino nas Experiências de Violência Sexual. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 1, p. 273-297, 2017. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

O Espaço Furtivo das Crianças e Adolescentes do Sexo Masculino nas Experiências de Violência Sexual

El Espacio Furtivo de los Niños y Adolescentes de Sexo Masculino en las Experiencias de Violencia Sexual

The Furtive Space of Child and Adolescent Males in Sexual Violence Experiences

Resumo

Esta pesquisa pretende compreender a relação entre masculinidade e sexualidade, observando as experiências de adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em áreas periféricas. O referencial empírico da análise foi criado a partir de espaços de pobreza na cidade de Ponta Grossa, localizada no estado do Paraná. A análise mostra evidências de duas dimensões relacionadas com o fenômeno investigado. O primeiro referem-se às experiências de adolescentes do sexo masculino descritas nos registros policiais. Foram observados documentos chamados "termos de declaração" sobre violência sexual, utilizando como metodologia a Análise de Conteúdo. Com ela, foram detectados alguns casos de estupro, atentado violento ao pudor e outros atos sexuais ilegais. Através da análise dos casos de violência sexual e física, foi possível perceber uma subversão da heterossexualidade na adolescência, juntamente com uma restrição sobre a violação da sexualidade na infância. A segunda dimensão foi considerada através da análise de evocações extraídas dos registros policiais e que se referem aos espaços da violência sexual e as estratégias utilizadas pelos abusadores para realizar e ocultar seus atos.

Palavras-Chave: Masculinidade; Sexualidade; Violência Sexual.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo comprender la relación entre la masculinidad y la sexualidad, teniendo en cuenta las experiencias de los adolescentes de sexo masculino en conflicto con la ley en zonas periféricas. El marco empírico de análisis se creó a partir de espacios de pobreza en la ciudad de Ponta Grossa, en el estado de Paraná. El análisis muestra evidencias de dos dimensiones relacionadas con el fenómeno investigado. La primera se refiere a las experiencias de los adolescentes de sexo masculino que se describen en los registros policiales. Se observaron documentos llamados "condiciones de la declaración" sobre violencia sexual, utilizando como metodología el Análisis de Contenido. Con ella, se detectaron algunos casos de violación, asalto indecente y otros actos sexuales ilegales. A través del análisis de los casos de violencia sexual y física, fue posible percibir una subversión de la heterossexualidad en la adolescencia, con una restricción sobre la violación de la sexualidad en la infancia. La segunda dimensión se consideró a través del análisis de evocaciones extraídas de los registros de la policía, que se refieren a los espacios de violencia sexual y las estrategias utilizadas por los acosadores sexuales para realizar y ocultar sus acciones.

Palabras-Clave: Masculinidad; Sexualidad; Violencia Sexual.

Rodrigo Rossi



Abstract

This research aim is to understand the relationship between masculinity and sexuality, by observing the experiences of male adolescents in conflict with the law in peripheral areas. The empirical reference of analysis was taken from spaces of poverty in the city of Ponta Grossa, located in the state of Paraná, Brazil. The analysis provides evidences of two dimensions related to the phenomenon investigated. The first one refers to adolescent male experiences as described in police records. It were observed documents called “terms of declaration”, concerning sexual violence, and the methodology employed to analyze those is the Content Analysis. We detected some cases of rape, indecent assault and other illegal sexual acts. Through the analysis of cases of sexual and physical violence, we were able to perceive a subversion of heterosexuality in adolescence, along with a constraint on the violation of sexuality in childhood. The second dimension was considered through the analysis of speech extracted of police records, which relate to the spaces of sexual violence and the strategies used by sexual predators to carry on and hide their actions.

Keywords: City; Masculinity; Sexuality; Sexual Violence.

Considerações Iniciais

Este texto apresenta uma análise das experiências de violência sexual contra adolescentes e crianças do sexo masculino. Tem como interesse estabelecer um diálogo entre as geografias feministas e das sexualidades com temas das sexualidades infantis e adolescentes no contexto de produção geográfica brasileira. Ao mesmo tempo, o artigo tenta dar visibilidade ao fenômeno da violência sexual na perspectiva do universo masculino como objeto de reflexão sobre espaço, sexualidades, infância e adolescência.

Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, que sustenta o presente texto, resultaram na definição de recortes temporal, espacial e temático. O primeiro decorre de análise de fontes documentais elaboradas em Ponta Grossa no período de 2005 a 2007 que foram objeto de levantamento realizado junto a Delegacia do Adolescente e Anti-Tóxicos da Polícia Civil pelo Grupo de Estudos Territoriais. Os inquéritos policiais foram analisados e classificados numa grande planilha e os conteúdos discursivo apresentados adiante foram extraídos de documentos denominados como 'termos de declaração' os quais contêm transcrições de depoimentos de vítimas, infratores e testemunhas em casos de violência sexual. O recorte social decorre, neste sentido, dos inquéritos, cujo registro de infração aponta a participação de adolescentes do sexo masculino e que tiveram como vítimas adolescentes ou crianças do mesmo sexo.

O texto está dividido em duas partes. A primeira apresenta um conjunto de referências e contribuições teóricas das geografias feministas e das sexualidades, geografias da juventude e das crianças, bem como o diálogo com o conhecimento científico brasileiro que discute a violência sexual contra adolescentes e crianças. A segunda parte está dirigida à análise de conteúdo das transcrições de depoimentos de vítimas, autores de violência sexual e eventuais declarantes. O exercício teórico-metodológico empreendido na segunda parte resulta na apresentação de uma ideia acerca do espaço da prática de violência

sexual contra crianças e adolescentes do sexo masculino enquanto espaço furtivo¹.

Infância, Adolescência, Masculinidades, Sexualidades e a Violência Sexual

A violência sexual praticada por jovens do sexo masculino contra crianças do mesmo sexo, como fenômeno investigado, suscita a reflexão teórica sobre o modo pelo qual o espaço está implicado na experiência concreta destes sujeitos. Neste sentido, as categorias identitárias de idade, masculinidade e sexualidade se apresentam como eixos importantes da análise e demandam o diálogo com subcampos que se dedicam em explorá-las, tais como as Geografias Feministas, das Sexualidades, das Crianças e da Juventude.

Cabe destacar, inicialmente, que estudos que relacionam as categorias masculinidades, sexualidades, adolescência e/ou infância são muito pouco realizados, seja considerando a relação entre todos os itens, seja compreendida simplesmente a relação entre uns e outros. A pouca significância atribuída à relação aqui pensada, no entanto, tem fomentado questionamentos de pesquisadores/as das geografias das sexualidades.

Bell (2011) identifica que artigos que marcam as sexualidades infantis no quadro de questões geográficas são pouco difundidos pela geografia das sexualidades. Valentine (2008) compartilha tal percepção ao notar a falta de interação entre as geografias das crianças e a geografia das sexualidades. Binnie e Klesse (2011) também refletiram sobre a negligência da teoria *queer* em relação às questões de idade, geração e intergeracionalidade. Assim, o tema tem provocado indagações e repercutido em pesquisas importantes e novas possibilidades de interpretação das espacialidades e sexualidades, considerando as experiências de crianças e jovens.

Ao explorar a discussão de Foucault sobre a percepção hegemônica da infância e da sexualidade como categorias distintas e não articuláveis, Philo (2011) apresenta uma série de estudos em editorial da revista *Children's Geographies*, enfatizando a possibilidade de fluxo entre os subcampos das geografias das sexualidades e geografia das crianças. Estes estudos se destacam por romper a inibição em empreender um tipo de produção científica que toca o universo das experiências de crianças e adolescentes com as sexualidades e que tem se caracterizado como pouco usual. A infância e a sexualidade podem ser percebidas sob o ponto de vista social dominante como mais um tabu. Por mais que o fenômeno possa permanecer, indefinidamente, na complexidade do espaço das relações sociais que envolvem não só crianças e adolescentes, mas os espaços instituídos a partir de suas relações com pessoas adultas. Ao mesmo tempo em que condenam a pedofilia, o que é correto, e difundem propostas de veto ao conhecimento da sexualidade nas

1 Num dicionário comum, a palavra 'furtivo' se refere ao que é praticado a furto, mas também ao que é praticado às ocultas, ou seja, ao que está oculto, escondido, disfarçado ou dissimulado. Esta palavra é utilizada no decorrer do texto na interpretação dos espaços da violência sexual contra crianças e adolescentes do sexo masculino, que têm como uma característica significativa a adoção de estratégias de furtividade pelos abusadores.

escolas, um equívoco, nega-se as crianças apreender sobre o próprio corpo e, assim, melhor se proteger em situações de violência sexual. Nesse sentido, o desafio de refletir sobre o tema da sexualidade infantil e adolescente também compõe uma agenda política e, como tal, se choca de várias formas com alguns pensamentos de cunho conservador.

O mal-estar em relação ao tema, de acordo com Robinson (2012), demonstra que o estudo da sexualidade na infância é repleto de dificuldades e controversas, disso também deriva o pouco interesse acadêmico. A autora fundamenta-se nas posições de Foucault sobre as crianças e jovens enquanto seres constituídos e governados por instituições e dispositivos de proteção e educação que possibilitam, ou restringem, o acesso ao conhecimento sobre a sexualidade. Os desdobramentos de controle disciplinar, conseqüentemente, influenciam no modo como as pessoas constroem suas próprias sexualidades. A orientação teórica de Foucault (1988) convida, nesse sentido, ao exercício de cartografar o sistema de tutela adulta e o conhecimento sexual dirigido às crianças e jovens, capaz de instituir que o saber sobre a sexualidade seja estritamente de domínio adulto.

A reflexão sobre 'cidadania sexual infantil', realizada por Robinson (2012), ajuda a compreender que os elogios ao padrão heteronormativo, à dicotomia e aos binarismos relacionados com performances dominantes de gênero, contribuem ao fortalecimento de uma percepção hegemônica da infância e da juventude como períodos de transição e regulação, voltados à formação de adultos heterossexuais e enquadrados pelo sistema da heterossexualidade compulsória, conforme revela Butler (1993).

Schroeder (2012) se dedicou a compreender o modo como as atitudes dos adultos interdita ou possibilitam as experiências de jovens *queer* no contexto escolar. O autor observa que as questões atinentes à adolescência e sexualidades são complexas e têm nuances mais visíveis a partir das expressões e identidades sexuais que transgridem a (hetero)normatividade. Seu estudo é dedicado a entender a relação entre jovens *queer* e adultos e os modos pelos quais os primeiros negociam a construção de suas sexualidades no espaço escolar.

McIlwaine e Datta (2004) consideram a idade uma categoria significativa para entender as sexualidades de jovens de Botswana, país que convive com a epidemia de HIV/AIDS e com altos índices de gravidez precoce. A partir de pesquisa participante, as autoras apontam que as sexualidades dos jovens investigados são fortemente generificadas e, ao mesmo tempo, multifacetadas. Elas enfatizam que a sensibilidade e o diálogo possibilitam a construção de metodologias holísticas de pesquisa e gestão de políticas públicas que pautem a diversidade de práticas, identidades sexuais e de gênero. Deste modo, as geógrafas, além de investigar a relação entre juventude e sexualidades, apontam como alternativa a construção de um saber sobre a sexualidade mais sensível e aberto, que releve as vozes, experiências e imaginações de jovens e crianças.

A relação entre juventude e sexualidades também é objeto de estudo de Rodó-de-Zarate (2013) sobre as experiências de jovens lésbicas no espaço público. Utilizando o conceito de interseccionalidade, a autora constrói o que denominou como mapas de relevo para identificar áreas de alívio, negociação

ou interdição de performances lésbicas pelo espaço público. O procedimento metodológico de construção participativa dos mapas evidencia diferentes maneiras em que as jovens lésbicas negociam suas performances e sexualidades no contexto das suas experiências com espaços heteronormativos.

Mesmo representando uma lacuna em incipiente preenchimento na produção geográfica, as relações entre infância e sexualidade, adolescência ou juventude e sexualidades se estabelecem a partir de inúmeras práticas sexuais em diferentes contextos espaciais e temporais, constituindo-se, portanto, em mais um desafio à investigação geográfica feminista e *Queer*.

No que se refere a relação entre masculinidade e sexualidade, está presente de forma mais ou menos evidente nos textos de Seidler (1989), Farmanfarmaian (1992), Knopp (1998), Lukinbeal e Aitken (1998), Holloway, Valentine e Bingham (2000), Bell (2000), Hubbard (2000), Longhurst (2000), Berg e Longhurst (2003) e Murata (2002). Estes estudos são dedicados à análise das experiências de homens gays e em dar visibilidade às mulheres diante do patriarcado, bem como aos gays diante da heteronormatividade. E compõem uma agenda político-acadêmica importante para a construção do respeito a mais ampla diversidade sexual, aos direitos humanos relacionados com a população LGBT, bem como são contribuições importantes na trajetória das geografias feministas e das sexualidades. Ao mesmo tempo, eles sugerem como possibilidade articular ideias e teorias sobre fenômenos ligados à masculinidade, crianças e adolescentes, como produzem e vivenciam suas sexualidades em diferentes espaços.

Também é emergente a publicação de textos que envolvem a relação entre as categorias masculinidade e juventude, como é observado em Marks (2001), McDowell (2002), Curtin e Linehan (2002), Hopkins (2007), Chimin Jr (2010), Rossi (2011), Rossi e Chimin Jr (2009), Aitken (2012), Gomes (2014) e Rocha (2014). Estes estudos indicam a potencialidade da análise de grupos de homens jovens numa perspectiva interseccional. Embora não privilegiem a relação entre juventudes masculinas e sexualidades, são interessantes reflexões sobre os espaços da juventude masculina.

Neste conjunto de investigações geográficas sobre masculinidades, geografias da juventude e infância, percebe-se que a relação com a sexualidade é pouco empreendida na produção científica geográfica. Nitidamente, a produção científica em geografia e masculinidade também tem demonstrado pouco interesse na intersecção com a sexualidade, intergeracionalidade e infância. Isto pode revelar certa resistência a reflexões sobre a sexualidade na juventude e infância derivada da percepção de que as sexualidades compõem quase que estritamente o universo adulto.

Este aspecto também se reflete no conjunto de estudos latino-americanos e brasileiros dos subcampos das geografias feministas e das sexualidades. Porém, há nas geografias feministas, e das sexualidades brasileiras, uma sinergia de interlocução teórico-metodológica que contribui ao processo reflexivo que resulta na ideia de que o espaço da violência sexual se constitui como um espaço furtivo.

Os estudos realizados por Costa (2010; 2014) apresentam importante reflexão sobre o espaço homoerótico e práticas espaciais de 'pegação' (relações homoeróticas casuais, eventuais e momentâneas) e iluminam alguns caminhos

interessantes de investigação da juventude gay e sexualidades, espaços e práticas negociados ou combinados. Os espaços da 'pegação' descortinam um grau relevante de furtividade, pois são geralmente aqueles que estão longe da visão de um público, mesmo situados no espaço público. As rochas da costa litorânea em praias nas quais as práticas de 'pegação' é investigada, bem como banheiros e outros locais em que a visão dos outros fica impossibilitada de mirar, são recorrentes na análise de Costa (2010; 2014).

As proposições de Silva (2013) ajudam a vislumbrar os espaços das sexualidades infantis e adolescentes enquanto espaços interditos. Isto se considerar que o saber/poder sobre a sexualidade não pertence a estes seres, reconhecidos hegemonicamente como em processo de transição, como aqueles que não chegaram a 'ser', afinal, ainda não se tornaram adultos. Assim, se os espaços do saber e do fazer referentes às sexualidades das crianças e adolescentes lhes são negados, estes mesmos sujeitos podem procurar e encontrar brechas e esconderijos para dar vazão aos fluxos de desejo, ao vislumbre e à própria vivência de suas sexualidades. Na segunda parte do texto, a ideia de que a interdição contribui com a interpretação dos espaços furtivos será melhor explorada.

Ornat (2013) propõe o conceito de território paradoxal travesti, analisando inúmeras vivências espaciais. O modo como o geógrafo explora a relação entre um dos conceitos tradicionais do conhecimento geográfico, o território, e a perspectiva de espaço paradoxal elaborada por Rose (1993), evidencia o jogo tenso em que as travestis podem ocupar tanto o centro, quanto a margem das relações de poder. As ideias compartilhadas com este geógrafo também apontam um caminho interessante para interpretar as relações desiguais no espaço das práticas e interações sexuais envolvendo adolescentes e crianças.

Cabral, Silva e Ornat (2013) estudaram as representações sociais elaboradas por travestis sobre os espaços de morte e apresentam reflexões fundamentais sobre as espacialidades da cidade, da casa e território da prostituição demonstrando que a violência e morte ocorrem de modo mais intenso em áreas em que o testemunho é algo indesejado pelos agressores e homicidas.

Outra referência substancial para uma análise sobre narrativas e experiências jovens está presente no livro 'Geografias Malditas', de Silva, Ornat e Chimin Jr (2013). Toda a primeira parte do livro, intitulada 'Geografias travestis, por elas mesmas' é dedicada aos relatos de experiências que iluminam inúmeros contextos de vivência espacial, desde a infância e juventude, além de evidenciar a homofobia, a transfobia e a violência sexual na trajetória da vida travesti.

Proença (2010) estuda as narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar. O autor estabelece uma interpretação de discursos e diálogos corriqueiros de estudantes para compreender as representações e práticas relacionadas com a homossexualidade. As questões teóricas de Proença remetem a práticas pedagógicas e à diversidade sexual, aos conflitos que emergem na vivência homossexual na escola e as perspectivas de transformação da realidade escolar através da reflexão e ações anti-homofóbicas. Um dos elementos argumentativos do autor e que dialogam com o universo explorado neste artigo, é a adoção da perspectiva de sexualidades múltiplas. É possível pensar que as escolas podem contribuir na prevenção da

violência sexual a partir da educação sexual e do acesso a informação sobre as sexualidades.

O diálogo teórico, aqui apresentado, indica que a pluralidade de temas e abordagens das geografias feministas e das sexualidades brasileiras, latino-americanas e de todo o mundo, têm contribuído ao fortalecimento de uma agenda político-acadêmica comum vinculada às lutas dos movimentos feministas e pelos direitos à população LGBT. O diálogo com esta agenda demonstra que a invisibilidade das práticas sexuais de homens jovens, adolescentes e crianças do sexo masculino também se converte em possibilidade de visitar um campo que demanda ser melhor explorado.

Por outro lado, será possível notar que a ficção de gênero, inspirada na provocação de Butler (2003), de que se constitui como construção performática, estilizada, reiterada cotidianamente e aberta à possibilidade de subversão, tem lastro nas narrativas relacionadas com a violência sexual entre garotos. Neste sentido, o diálogo com as proposições de Butler e com a teoria Queer é fundamental para compor uma agenda que não seja exclusivamente ligada ao combate da violência sexual contra mulheres, adolescentes ou crianças do sexo feminino. É também necessário problematizar outros elementos que compõem o universo político da sexualidade e que são revelados a partir da visibilidade da violência sexual, envolvendo também pessoas do sexo masculino, adolescentes ou crianças.

Outra possibilidade de diálogo teórico é possível a partir da literatura científica brasileira que trata da violência sexual infantil e adolescente, marcada pela intensidade de estudos dos campos das ciências jurídicas, psicologia e educação sexual.

No campo da medicina social brasileira, Leite (2012) discute a sexualidade adolescente, defendendo-a como direito reconhecido pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA). Seu estudo analisa as percepções de formuladores de políticas públicas e evidencia uma contradição: ao mesmo tempo em que a sexualidade se constitui como direito de adolescentes, as práticas sexuais e o saber sobre a sexualidade são restritos às pessoas não adultas. Neste sentido, a própria sexualidade adolescente, no âmbito jurídico, é uma ficção com o sentido de proteger, não de informar, ou contribuir à prevenção da violência sexual. Assim, a política de direitos sexuais dos adolescentes é pensada a partir do dilema entre autonomia dos adolescentes em relação a sexualidade e a tutela. Esta última limita-se em mapear a vulnerabilidade destes sujeitos frequentemente abordados como vítimas e não como pessoas que têm desejos e que também sentem desejo e prazer sexuais. A autora ainda aponta que a questão da sexualidade adolescente é tratada marginalmente no campo das políticas públicas que privilegiam outros problemas presentes na realidade de adolescentes brasileiros, tais como a fome, exploração do trabalho infantil e o uso de drogas.

Viodres Inoue e Ristum (2008) realizaram um estudo sobre casos de violência sexual que são revelados na escola, enfatizando que o espaço escolar se constitui como um dos principais nós da rede de prevenção à violência sexual contra crianças e adolescentes. As autoras privilegiam a caracterização de infratores e vítimas, mas também revela o papel de professoras na identificação de casos de violência sexual sofrida por alunas(os) e como

agentes de apoio psicossocial. Habigzang, Koller, Azevedo e Machado (2005) estudaram os fatores de risco da violência sexual contra crianças e adolescentes a partir de análise de processos jurídicos. As autoras realizam uma caracterização dos perfis de abusadores, vítimas e contextos familiares, destacando o desemprego, a desestruturação familiar, abuso de álcool e drogas, assim como condições econômicas e de vida precária como principais fatores de risco à permanência do fenômeno. Araújo (2002) investigou a violência sexual intrafamiliar, evidenciando experiências de supervisão e atendimento às famílias que sofreram com a violência intrafamiliar. A abordagem psicossocial utilizada por Araújo contemplou a enumeração dos principais impasses e conflitos gerados ao contexto familiar, os principais desafios dos agentes ligados ao atendimento familiar e as possibilidades de problematizar o conceito de gênero na compreensão do fenômeno da violência sexual.

O trabalho de Machado (2006) analisa a revelação dos casos de abuso sexual contra crianças e o contexto de atuação dos serviços públicos explorando as narrativas sobre abuso sexual e os significados a ele atribuídos. A autora também identificou os fatores que podem facilitar ou dificultar a revelação e a denúncia e os impactos que ambos podem gerar nas relações intrafamiliares. O estudo também revela uma série de possíveis impactos do abuso sexual ao desenvolvimento psicológico de crianças e que reforçam a demanda por medidas de prevenção aliadas à educação sexual.

Os principais aspectos da produção científica dos campos jurídicos e da psicologia são os seguintes: a) grande frequência de estudos jurídicos e/ou psicológicos de casos em que os perpetradores da violência sexual são adultos do sexo masculino e as vítimas do sexo feminino com idade variada; b) preferência pela tipificação de casos como intrafamiliar e extrafamiliar; c) privilégio a identificação dos fatores de vulnerabilidade, baseados na ideia de desestruturação familiar; d) atribuição de perfis dos perpetradores da violência sexual, a partir de variáveis sócio-demográficas; f) enumeração de riscos à saúde mental e psicológica das vítimas, bem como; g) abordagem das principais formas de tratamento jurídico e psicológico das vítimas.

Outro aspecto interessante é que, mesmo grande parte dos estudos se aterem aos perfis dos autores da violência sexual e rotularem o fenômeno como decorrente de manifestações de doença mental, há poucos estudos psicanalíticos que explorem essa dimensão subjetiva e, via de regra, os perfis dos sujeitos investigados são atribuídos a partir de variáveis numéricas e a partir de relações de parentesco, proximidade, responsabilidade e afetividade.

Sebold (1987) apresentou os principais indicadores de abuso sexual em meninos, contrariando a tendência de exploração do fenômeno a partir do contexto das vítimas do sexo feminino. Contudo, seus indicadores revelaram a tipificação do fenômeno em intra e extrafamiliar, bem como privilegiaram as variáveis quantitativas que derivam dos perfis das vítimas e agressores a partir de dados de demografia.

Ao buscar compreender o fenômeno superando as limitações de modelos quantitativos de caracterização de perfis e tipificações utilizando como metodologia a comunicologia, Kristensen (1996) realiza uma importante reflexão sobre o abuso sexual em meninos. A metodologia utilizada pelo pesquisador combina recursos metodológicos do campo da fenomenologia e

semiótica. Fundamentado a partir de debates teórico-metodológicos da psiquiatria e psicologia social, o texto de Kristensen apresenta uma pluralidade de definições e categorias de abuso sexual, tais como abuso incestuoso e não incestuoso, intrafamiliar e extrafamiliar, pedofilia, incidência e o potencial da vítima em tornar-se abusador.

A discussão realizada por Kristensen (1996) argumenta que as diferenças de idade, como variáveis estáveis, podem ocultar outros feixes de relações de poder envolvidos em muitos casos de adolescentes que perpetram abuso sexual contra adolescentes (e também crianças) mais novos, mais fracos, facilmente manipulados ou seduzidos. Na análise das narrativas de seis meninos vítimas de violência sexual, o autor identifica alguns dos impactos vivenciais e relacionais expressados pelos investigados e que envolvem: a dúvida e o dilema entre revelar ou não revelar o fato; comportamento sexualizado; confusão sobre a orientação sexual; revitimização e; comportamento abusivo. O texto de Kristensen expõe um quadro substancial da posicionalidade e reflexibilidade do pesquisador na condução do processo investigativo e da análise comunicacional, capaz de trazer à tona fragmentos importantes do contexto de violência sexual e as 'condições radicalmente alteradas', as quais os sujeitos investigados vivenciam.

O texto de Prado (2006) também se dirige ao estudo da violência sexual contra meninos, utilizando como ferramenta conceitual o gênero na compreensão do contexto intrafamiliar. A autora explora a construção da masculinidade enquanto imbricada com a dinâmica familiar e que isto influencia significativamente na permanência deste tipo de violência sexual. Os argumentos de Prado (2006) são fundamentados a partir do entendimento da relação entre masculinidade e violência, dois componentes ligados à construção social e relacional dos gêneros feminino e masculino. Consequentemente, enquanto central nas relações de poder no contexto familiar, a figura do 'homem da casa' impõe limites à revelação e à denúncia do abuso e compõe o conjunto de desafios encontrados no combate a violência sexual doméstica.

Kristensen (1996) e Prado (2006) representam alguns dos poucos estudos sobre violência sexual que não são orientados pela caracterização de perfis dos perpetradores da violência sexual decorrentes da análise de inquéritos judiciais, da quantificação e tipificação dos casos mais comuns e seus atributos, ou que evidenciam contexto de vítimas do sexo feminino. Isso demonstra que, apesar da grande dificuldade de encontrar interlocução teórica, quando o tema é a violência sexual perpetrada por sujeitos masculinos contra os seus próprios pares biológicos, existem possibilidades interessantes à investigação geográfica.

A tendência teórico-metodológica que estabelece o fenômeno da violência sexual, quase estritamente situado em espacialidades em que há dada assimetria de posições de poder que derivam do gênero, tem se constituído como privilegiada. Todavia, esta invisibilidade da violência sexual envolvendo os mesmos aspectos biológicos de masculinidade, também pode contribuir não somente enquanto crítica da perspectiva de violência sexual que encara o fenômeno apenas como um problema de gênero, mas para enfatizá-lo como problema também relacionado com as sexualidades.

O Espaço Furtivo das Crianças e Adolescentes do Sexo Masculino nas Experiências de Violência Sexual

As questões que remetem ao gênero têm sido mais enfatizadas a partir de experiências de violência sexual em que as vítimas são meninas. Este aspecto pode estar ligado a duas construções intelectuais que se estabeleceram como hegemônicas nos estudos da feminilidade. A primeira se refere ao medo e sofrimento sentidos pelas meninas e por mulheres adultas, diante da opressão e agressividade do sistema patriarcal. O segundo incide sobre a masculinidade enquanto uma posição de poder em que a violência está presente de forma mais intensa e passível da naturalização da ideia de que os homens e a masculinidade estão situados numa posição de poder enquanto dominantes. Estas duas ideias perpassam um grande conjunto de estudos sobre violência sexual cometida por adultos, relações incestuosas e pedofilia.

Há inúmeros trabalhos sobre sexualidade adolescente infantil, assim como sobre violência sexual que podem contribuir para uma problematização teórico-metodológica na geografia. Mesmo assim, o fenômeno abordado no presente texto, ao implicar a reflexão sobre a masculinidade, está situado na borda do quadro temático da violência sexual. Isso reforça a percepção de que o tema e fenômeno explorados cientificamente podem ter como principal elemento de constituição a furtividade, algo encontrado em qualquer lugar difícil de ser visualizado.

Os Espaços Furtivos da Violência Sexual contra Adolescentes e Crianças do Sexo Masculino

O fenômeno da violência sexual é repleto de informações quase declaradamente inacessíveis. Vários fatores no âmbito intersubjetivo favorecem o difícil acesso a informação sobre as sexualidades infantis e da juventude a partir de registros de violência sexual. Na seção anterior, compartilhamos da ideia de que, sob o ponto de vista hegemônico, a sexualidade se constitui em tema de diálogo dominado pelos adultos e, portanto, a sexualidade infantil e adolescente são entendidos como terrenos pantanosos pelos subcampos das geografias das sexualidades e das geografias das crianças. Deriva desse aspecto de nossa sociedade que as crianças e adolescentes falam infimamente sobre sexualidade com adultos. E um dos poucos modos pelos quais esta fala é captada diz respeito aos contextos em que crianças e adolescentes são demandados a falar como requisito fundamental ao registro de um boletim de ocorrência policial.

A violência sexual, neste sentido, compõe um quadro pintado pela diversidade de práticas que ferem as normas que governam a vida sexual de crianças e adolescentes. Entretanto, os atos infracionais mais comuns entre adolescentes do sexo masculino são os furtos (simples e qualificado), roubo, assalto, agressão, vias de fato, lesão corporal, uso e porte de substância entorpecente ou química. A violência sexual representa apenas 4% do total de atos infracionais entre adolescentes.

O abuso ou violência sexual, juntamente com as violências física, emocional e a negligência, constitui-se como uma das formas de maus tratos na infância e adolescência. A violência sexual pode ser classificada ou subdivida de diversas maneiras, embora duas sejam as mais citadas: violência sexual incestuosa e não incestuosa. A primeira está relacionada com a

violência sexual vivenciada no contexto intrafamiliar, a outra, nos contextos extrafamiliares.

Apesar de inúmeros atributos possíveis à análise do fenômeno, neste artigo busca-se dar evidência aos aspectos da violência sexual contra adolescentes e crianças do sexo masculino, em casos ocorridos na casa, na rua e nos espaços de lazer e brincadeiras, tais como os terrenos baldios e, ainda, espaços como a escola e uma instituição de internamento de adolescentes em conflito com a lei.

As fontes documentais que subsidiam a análise presente nesta seção, são os registros elaborados na cidade de Ponta Grossa pela Polícia Civil do Adolescente e Anti-Tóxicos no período entre os anos de 2005 e 2007 e que correspondem às seguintes categorias de atos infracionais: atos libidinosos, atentado violento ao pudor e estupro.

Para efeito de sistematização da análise das fontes documentais, elas foram divididas em dois conjuntos. O primeiro resulta das informações mais gerais presentes em boletins de ocorrência, tais como os dados pessoais, cadastrais, localização do ato infracional, breve descrição do ato e do infrator. O segundo conjunto é formado pelo conteúdo discursivo presente em documentos chamados de 'termos de declaração' que, na maioria dos casos, acompanham o inquérito policial.

Na pesquisa aqui apresentada optou-se pela análise do segundo conjunto de fontes, que correspondem a quinze termos de declaração que citavam vítimas do sexo masculino. Surpreendentemente, eles representam mais de 40% do total de casos de violência sexual registrados no período investigado, evidenciando pouca diferença do número de atos em que vítimas são do sexo feminino. Isso evidencia que a vitimação no âmbito da violência sexual não se exprime somente às pessoas do sexo feminino.

O primeiro questionamento direcionado a essas fontes foi o seguinte: quais espacialidades aparecem no conjunto das declarações de vítimas, infratores e testemunhas? Desta pergunta inicial resultaram como respostas as principais escalas geográficas do fenômeno, a saber, a casa, os espaços de lazer/brincadeira/rua/terreno baldio, escola e instituição de internamento sócio-educativo.

A pergunta ulterior se referiu às estratégias utilizadas pelos agressores no exercício da violência sexual e de sua ocultação. Dessa segunda pergunta, surgiram outras subcategorias de análise e que foram denominadas como estratégias de furtividade que são interpretadas como dispositivos utilizados no contexto do ato com o sentido de manter a agressão distante dos olhos e conhecimento dos outros, o que também inclui um conjunto de práticas como a chantagem, ameaça e agressão sofrida pelas vítimas, assim como performances que contemplavam a dissimulação como tentativa de ocultação do que ocorrera.

Os sujeitos perpetradores da violência sexual são considerados como em conflito com a lei e seus atos reconhecidos como atentado ao pudor, atentado violento ao pudor, ato libidinoso e estupro. Na medida em que estes casos são analisados, percebe-se a subversão da heterossexualidade na adolescência, assim como o constrangimento da violação da sexualidade na infância.

É possível afirmar, a partir da análise de espacialidades e estratégias de

furtividade, que não existem somente diferenças entre violência intrafamiliar e extrafamiliar, aspectos mais comuns na análise de textos das ciências jurídicas e da psicologia difundidos no país.

A Casa, enquanto espaço privado/familiar e como foco de (re)incidência da violência sexual, também pode ser considerada como espaço do outro. De acordo com a pesquisa aqui apresentada, essa espacialidade em que a violência sexual se manifesta, também é vivenciada pelas vítimas quando as mesmas são visitantes, ou, quando se encontram sob tutela e cuidados de outros adolescentes ou adultos em outra casa que não a sua. Entretanto, os termos de declaração analisados se referem mais a casa como espaço de moradia das vítimas. A casa aparece nos documentos articulando vários elementos, tais como a intimidade, a sutileza no convencimento e sedução, o poder afetivo que pode ser conquistado pela amizade, assim como pela responsabilidade do infrator na posição de quem cuida da vítima. Outro aspecto observado é o argumento de alguns infratores de que as vítimas apresentam comportamento homossexual.

Informa que no dia dos fatos, ele e seu amigo Bórgia² estavam em sua casa; Que no momento do ocorrido, o declarante estava fazendo tarefas de escola e seus pais estavam na rua conversando com os vizinhos; Que Bórgia pegou uma borracha que o declarante estava usando e jogou numa peça escura da casa; Que quando o declarante foi buscar a borracha, Bórgia foi atrás e agarrou o declarante, tirou-lhe as calças e também tirou as suas; Que Bórgia ficou esfregando seu pênis nas nádegas do declarante, porém não conseguiu a penetração; Que quando percebeu a aproximação do pai do declarante, Bórgia o soltou e fugiu pulando uma das janelas da casa; Que em seguida, o declarante procurou a sua mãe e contou sobre o ocorrido, se dirigiram para o Hospital Infantil e posteriormente ao IML local para exames [Termo de declaração de vítima, página 5, registrado em 24/06/2005].

Que o declarante já viu várias vezes a vítima em atitudes estranhas com outros meninos da vizinhança, o que levou o declarante a pensar que a vítima tem tendências homossexuais; Que o declarante nunca molestou sexualmente ninguém e também ainda não teve relações sexuais; Que a mãe da vítima sempre pedia para o declarante ou seu irmão de 12 anos para ajudá-lo a fazer as tarefas; Que o declarante já viu várias vezes a vítima “passar a mão na bunda” de seu irmão, de apenas 3 anos de idade [Termo de declaração de infrator, página 6,

2 Os nomes que aparecem nas citações dos termos de declaração são fictícios, a substituição dos nomes reais pelos fictícios foi estabelecida para preservar a identidade das pessoas envolvidas. A mesma atribuição de nomes fictícios foi estabelecida sobre os diferentes locais citados nos termos de declaração analisados. Cabe aqui, agradecimentos ao Delegado, Escrivã, investigadores e estagiário(a)s da Delegacia do Adolescentes e Anti-Tóxicos da Polícia Civil de Ponta Grossa pela possibilidade do Grupo de Estudos Territoriais realizar o levantamento de atos infracionais.

registrado em 29/06/05].

Que a declarante a mais ou menos duas semanas vem percebendo um comportamento diferente em seu filho; que começou a ter a mania de “lamber” as pessoas; que começou a passar a mão na “bunda” das pessoas que estivessem por perto; que abaixava as calças e mostrava a “bunda”; que disse para a declarante “coloque na minha bunda”, “enfie na minha bunda”; que no dia 11 de novembro por volta das 14:30 horas a declarante estava em casa com seu filho de 3 anos quando ele disse: “mãe o Bento colocou o bolo na minha boca, na minha bunda”; que a declarante esclarece que “bolo” quer dizer pênis; que a declarante e o pai de seu filho o ensinaram assim quando era menor; que a declarante disse: “olha filho, não pode mentir”; que o filho disse: “é verdade, não é mentira”; que a declarante sabe que quando seu filho está dizendo a verdade, ele sempre diz esta frase; que a declarante perguntou quando Bento, sendo que este possui 16 anos, fazia isso, sendo que ele disse que é quando a declarante vai para a escola; Que a declarante estuda à noite e deixava seu filho com sua avó que já é de idade e com Bento, com intenção de que o mesmo atendesse de seu filho [Em termo de declaração da mãe da vítima, página 3 do inquérito registrado em 17/11/05].

A violência sexual exercida na espacialidade da casa se caracteriza pela intensidade de ocorrências em que os infratores têm idade que varia entre 14 e 17 anos, sendo que as vítimas têm idade bastante inferior, variando entre 3 e 8 anos. A superioridade em relação a idade influencia em possibilidades de álibi e argumentos que visam negar a autoria na violência sexual. Quanto a isso, em todos os termos a negação do ato infracional é conduzida pela narrativa dos indiciados.

Outro aspecto significativo é a responsabilidade de cuidado e assistência que é dada aos infratores em relação às vítimas, que apresenta-se em variadas estratégias de furtividade, tais como na possibilidade do abusador permanecer sozinho com a criança e no exercício de poder afetivo.

Outras estratégias utilizadas pelos abusadores foram evidenciadas em casos nos quais os mesmos demonstraram atraírem as vítimas até um cômodo da casa que pudesse se constituir em espaço furtivo da violência sexual. A agressão física no contexto da violência sexual também aparece em dois casos envolvendo a espacialidade da casa e variaram entre o ato do abusador de agarrar a vítima e o de força-la à penetração e, até mesmo, consumir conjunção carnal. Os termos de declaração que evidenciam agressão física, também apresentam o exercício de chantagem e das ameaças conduzidas pelos abusadores. Tais ameaças e chantagens são descritas pelas vítimas e podem ser exemplificadas a partir de frases como: 'se você contar para alguém não serei mais seu amigo' e; 'se você contar, dá próxima vez será pior'.

Um aspecto fundamental para a ocultação do ato e assim, legitimar a violência sexual e seu caráter furtivo, está vinculado a espacialidade da casa.

O Espaço Furtivo das Crianças e Adolescentes do Sexo Masculino nas Experiências de Violência Sexual

Refere-se ao fato de muitas famílias não denunciarem casos de violência sexual para evitar conflitos entre familiares. Quando a revelação e a denúncia não acontecem o espaço da violência sexual é furtivo em relação à rede de proteção de crianças e adolescentes, além de possibilitar a reincidência desse tipo de violência.

Os termos de declaração que revelam a espacialidade da casa como espaço furtivo da violência sexual contra meninos, têm também como característica o nítido constrangimento das vítimas, a dificuldade delas se expressarem e relatarem a experiência de violência sexual, na manifestação do choro e demais reações emocionais, bem como em aparente comportamento sexualizado. Estes aspectos também são semelhantes aos analisados por Cançado (2012) em seu estudo sobre incesto como prática generificada e simbólica.

A espacialidade Escola aparece em dois termos de declaração analisados. O primeiro corresponde a um ato libidinoso caracterizado pela violência simbólica estabelecida no contexto da sala de aula e no qual a virilidade e a honra são evidenciadas como elementos de defesa de uma masculinidade hegemônica e do exercício de poder sobre o outro. A vítima reclamara de que os infratores o chamavam, repetidas vezes, de 'meu piá' e 'meu piázinho', com o intuito de inferiorizá-lo. A descrição da experiência como ato infracional revela a existência de um costume partilhado entre adolescentes do sexo masculino que consiste em chamar outros adolescentes menores ou mais frágeis de 'meu piá' ou 'meu piázinho' indicando que são inferiores, como um comparativo com adolescentes do sexo feminino, reconhecidas hegemonicamente como pessoas que necessitam de proteção ou como objeto de posse.

Que há mais ou menos dois meses, Sisto vinha chamando o declarante de “meu piá”, “meu piázinho”; que essas expressões, para o declarante, significam que o declarante é “mulherzinha” de Sisto; que no dia 14 do mês de setembro deste ano, Sisto provocou novamente o declarante chamando-o de “meu piázinho”; que nesta oportunidade se encontrava junto com o declarante outro aluno, sendo que Francisco também provocava o outro aluno da mesma maneira; que o declarante ficou bravo e deu um tapa no rosto de Sisto; que o outro aluno também deu um tapa no rosto de Sisto; que Sisto começou a chorar; que contou para a professora e então foi acionado a Patrulha Escolar; que o declarante, acompanhado do outro aluno, fugiram do Colégio sendo que o declarante foi para a sua residência; que nos próximos dias Sisto não provocou mais o declarante e também não brigaram mais [Termo de declaração de vítima, página 5, registrado em 25/10/06].

Neste caso, não é percebida alguma estratégia de furtividade, pois se trata de uma ação com objetivo de vanglorio do abusador e de manter-se numa posição de centralidade diante de seus colegas de escola e de acordo com os elementos da masculinidade hegemônica, entre eles, a virilidade e poder de

posse e proteção.

Por outro lado, no segundo termo de declaração em que a espacialidade da escola aparece, o infrator é reconhecido como reincidente em atos libidinosos e nas práticas de violência sexual na escola e na instituição de socioeducação em que vivia. O conteúdo discursivo deste termo de declaração é reduzido a poucas frases do diretor da escola e do infrator, por isso, aparece de modo resumido aqui no texto.

No referido termo, o indiciado não negou a prática de violência sexual aos diretores da escola e de seu domicílio coletivo. O inquérito ainda apresenta breve testemunho de que o mesmo teria proferido frases do tipo 'eu pego mesmo', 'não dá nada', 'já comi uns piá', 'se marcar eu como mais'. O diretor da escola revela que mais de três adolescentes menores e com idade inferior a do infrator teriam sofrido violência sexual no banheiro e que os mesmos não registraram boletim de ocorrência por medo do infrator agredi-los ou até matá-los.

As estratégias de furtividade se revelam na iniciativa do abusador em atrair seus colegas ao banheiro e na condução de ameaças. Entretanto, as frases que o diretor da escola relatou ter escutado do infrator, se chocam com a ideia de que a violência sexual tem como elemento basilar a furtividade, pois em determinados contextos, revelar a prática da violência sexual pode ser um meio de provocar medo ou de demonstrar rebeldia e desacordo com as normas de disciplina escolar e sexual.

As espacialidades que estão relacionadas com as brincadeiras, ao lazer, a rua e terrenos baldios são os mais presentes no conjunto de casos de violência sexual analisados no período de 2005 a 2007, totalizando oito atos infracionais. Estes casos articulam espaço público com a prática de violência física, além do que, o discurso dos declarantes noticiados como infratores, estabelece relação entre as vítimas e performances de homossexualidade, como se estas legitimassem a violência sexual praticada. Os locais de ocorrência são a rua e terreno baldio (com matagal e pouca visibilidade externa), cachoeira, 'parquinho' e rio.

Que o declarante e um amigo encontraram a vítima na cachoeira e tentaram afogá-la; que se ele não quisesse morrer afogado ele iria “ter que chupar e dar”; que deram socos no rosto da vítima; que o declarante segurou a vítima enquanto seu amigo colocou o “pipi” na bunda da vítima; que um homem passava no local e os infratores saíram correndo e a tal pessoa levou a vítima embora; que uns dias depois a vítima encontrou o declarante e amigo, sendo que os mesmos fizeram gestos que foram entendidos como ameaça de agressão e morte [Termo de declaração de infrator, página 2, registrado em 23/11/06].

(...) foi nadar em uma lagoa no bairro Santa Virgem, em companhia de um amigo; que chegando na referida lagoa, o declarante se encontrou com outros três conhecidos; Que todos estavam nadando na

O Espaço Furtivo das Crianças e Adolescentes do Sexo Masculino nas Experiências de Violência Sexual

referida lagoa vestindo calções e cuecas, ninguém estava sem roupas; que o declarante e seus colegas estavam brincando de uns jogarem os outros na água; Que o declarante em momento algum praticou qualquer ato libidinoso com os outros, apenas nadaram juntos; Que o declarante ficou sabendo que o tal de Paco estava bêbado e foi ele quem falou na vila que o declarante havia “se aproveitado” dos meninos; Que o tal de Paco costuma dar bebidas alcoólicas para os meninos menores, inclusive já havia oferecido para o declarante [Termo de declaração de testemunha, página 7, registrado em 02;05/05].

As citações destacadas acima evidenciam que no contexto de lazer na cachoeira e rio, os adolescentes abusadores se aproveitaram das características destes espaços, que são mais afastados das casas, além disso, os casos demonstram a ação de mais de uma pessoa na execução da violência sexual.

Em relação aos atos de violência sexual em que os abusadores relatam que as vítimas são reconhecidas como 'afeminados' e que têm 'tendência' ou comportamento homossexual, a agressão física também se faz presente na rua e terrenos baldios.

O declarante estava brincando na rua, e os meninos de nome Pépe e Beto agarraram o declarante pelo braço, e sob a ameaça que iriam bater nele, o levaram para debaixo de uma árvore em um campinho próximo de sua casa, que eles mandaram o declarante tirar a calça, se ele não tirasse, eles mesmos tirariam; que Beto tirou a calça também; Que Beto mandou que o declarante pegasse e colocasse na boca o “pinto” dele, depois o Beto “pôs o pinto na bunda” do declarante; Que depois disso Beto e Pépe deram murros, tapas e chutes no declarante, eles disseram que, se o declarante contasse a alguém eles bateriam novamente nele [Termo de declaração de vítima, página 1, registrado em 05/09/05].

(...) estava brincando na rua, em companhia do também adolescente João, quando resolveu ir embora, foi xingado e agredido por João; Que João jogou um “pau” e acertou nas costas do declarante derrubando-o; Que João aproveitando-se que o declarante estava caído, arrastou o declarante para um terreno baldio e molestou-o sexualmente; Que o declarante pediu socorro para uma mulher que estava passando, porém esta não ouviu; Que o declarante nunca tinha brigado com João e depois do ocorrido o declarante não foi mais perturbado pelo agressor; Que mesmo o Laudo do IML atestando que não há sinais de ato libidinoso, o declarante afirma que o fato ocorreu e relata que houve violência por parte de João, sendo que o mesmo imobilizou o declarante para prática de tal ato, o que frustrou qualquer reação de defesa; Que o declarante afirma que não provocou João

para que o mesmo tivesse uma reação tão violenta [Termo de declaração da vítima, página 7, registrado em 22/06/05].

Soliva (2011) entende que a rua compõe uma fatia importante do espaço público e constitui-se em área privilegiada à realização da violência anti-gay. Assim, as narrativas de jovens gays apontam que a rua pode ser interpretada como um espaço perigoso. O ponto nodal da violência contra homossexuais no espaço público é, segundo Soliva (2011), o reconhecimento da homossexualidade no outro. Seu texto baseia-se nas experiências de entrevistados que representam um grupo de estudantes universitários. Este tipo de violência, destacado por Soliva, é uma articulação de dois fatores. O primeiro deriva do imaginário construído sobre espaço público como a arena da desordem. O segundo incide sobre a carência de dispositivos que garantam direitos civis às pessoas homossexuais.

Nos casos de violência sexual evidenciados há pouco, uma das possíveis motivações é o reconhecimento da homossexualidade das vítimas pelos agressores, sendo assim, refletem a articulação entre violência sexual e homofobia.

Welzer-Lang (2001) sugere que a construção do masculino é relevante à compreensão da homofobia e que deve ser considerada a dimensão subjetiva vinculada às experiências dos homens com o padrão de masculinidade hegemônica e heteronormatividade. Este argumento é importante ponto de apoio a qualquer estudo voltado ao universo masculino e suas sexualidades. Não obstante, mesmo com a realização da crítica a naturalização e essencialização da masculinidade e heterossexualidade, a perspectiva de dominação masculina está presente na abordagem de Welzer-Lang. Neste sentido, a problematização sobre a dimensão subjetiva dos homens nos processos de violência homofóbica, deve superar a construção de um modelo estável de masculinidade, entendendo que nas relações entre os homens, as performances em jogo podem provocar tensão e subversão de uma masculinidade heteronormativa.

A violência sexual motivada pela aversão aos adolescentes homossexuais se constitui como violência sexual homofóbica. Alguns elementos que fortalecem esse argumento podem ser pinçados na observação de práticas de violência sexual que se relacionam com a construção de masculinidades e heterossexualidades cambiantes. Isto é, ao mesmo tempo em que a prática da violência é executada em reação à homossexualidade como algo desviante, ela também se constitui a partir de relações homossexuais estabelecidas com o artifício da violência. Este fenômeno, portanto, combina a preservação de um aspecto da masculinidade, fundamentado pela superioridade diante da passividade, com a subversão da heterossexualidade. A violência sexual homofóbica, neste sentido, revela a complexidade das experiências de violência sexual sofridas por crianças e adolescentes do sexo masculino que podem ter orientação sexual que diverge do sistema heteronormativo.

A última espacialidade analisada corresponde à instituição de internamento sócio-educativo ou espaço de privação da liberdade de adolescentes em conflito com a lei. O termo de declaração referente a este ato infracional demonstra o que inúmeros relatos de homens adultos do espaço carcerário

também evidenciam sobre abuso sexual e estupro.

Estava abrigado no SAS, sendo que estava dividindo a cela com outros adolescentes de nome Paulo e Sérgio; que no dia 15 de outubro de 2005, por volta da meia-noite, o declarante estava na cela com Paulo e Sérgio, sendo que Paulo segurou o declarante pelos braços tendo Sérgio tirado a calça do declarante e “abusado sexualmente” do declarante, ou seja, Sérgio praticou sexo anal com o declarante; Que o declarante esclarece que Paulo não praticou sexo anal com o declarante, somente forçou o declarante a pegar no “pinto” dele; que o declarante não gritou para chamar os educadores, pois ficou com medo de Paulo e Sérgio; Que o declarante foi agredido fisicamente por Paulo e Sérgio, sendo que as agressões foram com socos, chutes tendo inclusive o declarante batido com a cabeça na parede; Que Paulo e Sérgio disseram que se o declarante contasse o acontecido para alguém, eles iriam lhe matar; que quando amanheceu, o declarante resolveu contar tudo para o educador de plantão [Termo de declaração de vítima, página 2, registrado em 19/05/05].

Nesta espacialidade, assim como nas espacialidades de brincadeiras e lazer, evidenciou-se o contrato estabelecido entre duas pessoas para a prática de violência sexual. Nestes casos, a desigualdade de poder não é estabelecida apenas a partir da força individual e demais atributos identitários mobilizados individualmente, mas, da composição de forças entre abusadores. Deste modo, não somente as diferenças de idade constituem-se como eixo de desigualdade e posições de poder diferenciadas no contexto da violência sexual, mas a negociação em torno da possibilidade de satisfazer desejo sexual compartilhado. Tal negociação envolve realizar uma prática cuja ocultação depende do respeito e da lealdade em torno do contrato estabelecido. Sendo assim, a negociação estabelecida ajuda a manter o espaço da violência sexual furtivo.

Os termos de declaração investigados compartilham o interesse de abusadores em manter a prática da violência sexual oculta. Isto é revelado a partir das diferentes espacialidades analisadas. A possibilidade de manter a prática da violência sexual furtiva e, conseqüentemente, instituir o espaço furtivo da violência sexual, pode ser interpretada como uma das formas de reação a interdição do conhecimento e das práticas associadas às sexualidades de adolescentes do sexo masculino.

A instituição de um espaço furtivo da violência sexual ocorre a partir da mobilização de diversas estratégias que, oportunamente, foram denominadas de estratégias de furtividade. Portanto, o espaço furtivo pode ser considerado como interessante ferramenta na interpretação de práticas e espacialidades da violência sexual. Além disso, pode servir de eixo de discussão e reflexão sobre estratégias de visibilidade do fenômeno, de prevenção da violência sexual num contexto geral e contribuir na elaboração de propostas de educação sexual e das sexualidades infantis e adolescentes.

Palavras Finais do Texto

Na primeira parte do texto foi defendida a ideia de que o tema da violência sexual, vivenciada por pessoas que dividem a mesma classificação, enquanto corpos biológicos e que está relacionada com perpetradores adolescentes do sexo masculino e vítimas crianças e adolescentes do mesmo sexo, toca em questões que fogem da tradição de estudos sobre violência sexual, assentados sobre a categoria de gênero. Assim, é possível argumentar que o tema é pouco difundido, pois, mesmo compondo o fenômeno da violência sexual, não é facilmente selecionado como escala de análise. Contudo, há inúmeros desafios a este tipo de investigação e que articulam a reflexão científica articulada a diferentes subcampos da geografia humana, tais como as geografias das crianças, juventudes, feministas e das sexualidades.

Na segunda parte do texto foi demonstrado que adolescentes que perpetram violência sexual se constituem em conflito com a lei, ao mesmo tempo em que se chocam com os padrões hegemônicos de masculinidade, geralmente associados aos atos infracionais mais convencionais, como furto e agressão e, que envolvem de modo mais evidente a virilidade e o poder de causar dano. Foram analisadas as principais espacialidades que aparecem em evocações presentes nos termos de declaração e que estão intrincadas com distintas estratégias voltadas a prática da violência sexual e sua furtividade.

Apresentamos como palavras finais do texto, a existência de diferentes performances de masculinidade, mobilizadas nos espaços furtivos da violência sexual contra adolescentes e crianças do sexo masculino, assim como são múltiplas as práticas sexuais destes sujeitos. Na casa ou no quarto fechado, os infratores são em sua maior parte, parentes (primos mais velhos, tios, adolescentes que cuidam de crianças) ou agregados que mantêm relações de proximidade, intimidade e afetividade com as vítimas. As estratégias destes abusadores indicam sutileza, brincadeira maliciosa, enganação, toque 'despropositado', chantagem emocional, ardil face à inocência infantil e ameaças. Nos outros espaços, se observam atitudes de agressão, lesão corporal, ameaça de morte e negociação.

Os argumentos aqui estabelecidos sobre o espaço furtivo, além de estabelecer um frutífero diálogo com o espaço interdito proposto por Silva (2013), se apresentam em conexão com a perspectiva de espaço paradoxal defendida por Rose (1993) e a discussão sobre território paradoxal difundida por Ornat (2013). Nos espaços furtivos da violência sexual, além da reação a interdição do conhecimento e prática de relações sexuais e sexualidades de pessoas adolescentes, diferentes posições de poder podem ser identificadas como centrais ou marginais. Tais posições resultam do exercício de poder afetivo, de manipulação, de sedução e ou de dissimulação, de responsabilidade do abusador para com a vítima, entre outros elementos que compõem as espacialidades da casa, escola, das brincadeiras, lazer e de privação da liberdade.

Esta abordagem indica que o fenômeno está vinculado aos diferentes modos em que adolescentes constroem e transformam suas sexualidades e, portanto, compõem o conjunto de temas passíveis de investigação pelas geografias das

sexualidades. Tocar em assuntos polêmicos e temas controversos tem se consolidado como tradição deste subcampo do conhecimento geográfico. Por isso, ao encarar a violência sexual na perspectiva das experiências de crianças e adolescentes combinam-se dois elementos fundamentais: a denúncia dos maus tratos e violência contra crianças e adolescentes e o estímulo para tornar o fenômeno mais visível, a fim de desfazer o espaço furtivo e opressor da violência sexual.

Referências

AITKEN, Stuart C. Young men's violence and spaces of addiction: opening up the locker room. **Social & Cultural Geography**, v. 13, n. 2, p. 127 - 143, 2012.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Violência e Abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 2, p. 3 - 11, 2002.

BELL, David. O que foi, terá sido? A Geografia a partir do Queer. In: SILVA, Joseli Maria & SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da. **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011, p. 201 - 214.

BELL, David. Farm boys and wild men: rurality, masculinity, and homosexuality. **Rural Sociology**, 65, p. 547 – 561, 2000.

BERG, Lawrence; LONGHURST, Robyn. Placing Masculinities and Geographies. **Gender, Place and Culture: A Journal of Feminist Geography**, v. 10, n. 4, p. 351-360, 2003.

BINNIE, Jon; KLESSE, Christian. **The politics of age and intergenerationality in transnational lesbian, gay, bisexual, transgender and queer activist networks**. Sociology, forthcoming, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CABRAL, Vinicius. SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José. Espaços de Morte e Representações Sociais de Travestis na Cidade de Ponta Grossa – Paraná. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 4, n. 1, p. 139 - 161, 2013.

CANÇADO, Adriana Terezinha Mello. Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes: Um estudo do incesto na perspectiva de gênero. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 3, n. 1, p. 154 - 163, 2012.

CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. **O espaço como componente a vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná**. 2010. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

COSTA, Benhur Pinós da. Práticas espaciais de 'pegação' homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente -SP e Vitória da Conquista – BA. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n. 1, p. 152 – 179, 2014.

COSTA, Benhur Pinós da. Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v.1, n. 2, p. 207 - 224, 2010.

CURTIN, Aoife; LINEHAN, Denis. Where the boys are - teenagers, masculinity and a sense of place. **Irish Geography**, v. 35, p. 63 - 74, 2002.

FARMANFARMAIAN, Abouli. Sexuality and the Gulf War: Did You Measure Up? **Genders**, v. 13, p. 1 – 29, 1992.

GOMES, Fernando Bertani; SILVA, Joseli Maria. 'Cenas Loucas': As assemblages da violência de jovens do sexo masculino com envolvimento com as drogas na cidade de Ponta Grossa – PR. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n. 1, p. 3 – 24, 2014.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de Saber**. Rio de Janeiro. Graal. 7o ed. 152 p. 1988.

HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Silvia H.; AZEVEDO, Gabriela Azen & MACHADO, Paula Xavier. Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 21, n. 3, p. 341 – 348, 2005.

HOLLOWAY, Sarah L.; VALENTINE, Gill; BINGHAM, Nick. Institutionalising technologies: masculinities, femininities, and the heterosexual economy of the IT classroom. **Environment and Planning A**, v. 32, p. 617 – 633, 2000.

HOPKINS, Peter. Young people, masculinities, religion and race: new social geographies. **Progress in Human Geography**, v. 31, n. 2, p. 163 – 177, 2007.

HUBBARD, Philip. Desire/disgust: mapping the moral contours of heterosexuality. **Progress in Human Geography**, v. 24, p. 191 – 217, 2000.

JOHNSTON, Linda; LONGHURST, Robyn. **Space, place and sex: Geographies of sexualities**. Lanham – Maryland: Rowman & Littlefield Publishers Inc, 2010.

KNOPP, LAWRENCE. Sexuality and space: gay male identity politics in the United States, the United Kingdom, and Australia. *In*: FINCHER, Ruth & JACOBS (eds), Jane M. **Cities of difference**. New York, Guilford Press, 1998, p. 149 - 176.

KRISTENSEN, Christian Haag. **Abuso sexual em meninos**. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LEITE, Vanessa. A sexualidade adolescente a partir de percepções de formuladores de políticas públicas: refletindo o ideário dos adolescentes sujeitos de direitos. **Psicologia Clínica**, v. 24, n. 1, p. 89 – 103, 2012.

LONGHURST, Robyn. Geography and gender: masculinities, male identity and men, **Progress in Human Geography**, v. 24, n. 3, p. 439 – 444, 2000.

LUKINBEAL, Chris & AITKEN, Stuart C. Sex, Violence and the Weather: Male Hysteria, Scale and the Fractal Geographies of Patriarchy. In: PILE, Steve & NAST, Heidi (eds.). **Places Through the Body**. London: Routledge, 1998, p. 356 - 380.

MACHADO, Maria Lúcia. **A revelação do abuso sexual e seu impacto sobre o contexto familiar: estudo com crianças atendidas em um serviço público para vítimas de violência sexual**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MARKS, Monique. **Young Warriors: Youth Politics, Identity and Violence in South Africa**. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 2001.

McDOWELL, Linda. Transitions to work: masculine identities, youth inequality and labour market change. **Gender, Place and Culture**, v. 9, p. 39 - 59, 2002.

McILWAINE, Cathy & DATTA, Kavita. Endangered Youth? Youth, gender and sexualities in urban Botswana. **Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography**, v. 11, n. 4, p. 483 – 512, 2004.

MURATA, Yohei, The places where middle-aged single men feel alienated, **Jimbun-Chiri (Human Geography)**, v. 52, n. 6, p. 1 – 19, 2000.

ORNAT, Marcio José. A instituição do território paradoxal na atividade da prostituição travesti. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013, p. 183 - 206.

PHILO, Chris. Foucault, sexuality and when not to listen to children. **Children's Geographies**, v. 9, n. 2, p. 163 - 190, 2010.

PRADO, Sonia Fortes do. **Dimensões da violência sexual contra meninos sob a ótica de gênero: um estudo exploratório**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade de Brasília, Brasília DF.

PROENÇA, Eder Rodrigues. Cartografias dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 190 - 206,

2010.

ROBINSON, Kerry H. 'Difficult citizenship': The precarious relationships between childhood, sexuality and access to knowledge. **Sexualities**, v. 15, n. 3/4, p. 257 - 276, 2012.

ROCHA, Heder Leandro. 'Não dá nada, se der, dá pouco': o 'espaço espiado' dos adolescentes do sexo masculino usuários de crack em Ponta Grossa – PR. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v. 5, n. 1, p. 25 - 46, 2014.

RODÓ-de-ZÁRATE, Maria. Young lesbians negotiating public space in Manresa: An intersectional approach through places. **Social and Cultural Geography**. (forthcoming), 2013.

ROSE, Gillian. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

ROSSI, Rodrigo; CHIMIN, Alides Baptista. Periferias pobres e masculinidades: uma dimensão sobre espaço e elementos identitários dos adolescentes em conflito com a lei. In: SILVA, Joseli Maria. (Org) **Geografias Subversivas – discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora TodaPalavra, 2009. p. 209 - 234.

ROSSI, Rossi. **Malucos da Quebrada”**: Territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana dos adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa-PR. 2011. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.

SEBOLD, John. Indicators of Child Sexual Abuse in Males. **Social Casework**, v. 68, n. 2, p. 75 – 80, 1987.

SEIDLER, VICTOR J. **Rediscovering Masculinity: Reason, language and sexuality**. London, Routledge, 1989.

SILVA, Joseli Maria. Espaço interdito e a experiência urbana travesti. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Toda Palavra, p. 143 – 182, 2013.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Toda Palavra. 2013.

SOLIVA, Thiago Barcelos. A rua e o medo: algumas considerações sobre a violência sofrida por jovens homossexuais em espaços públicos. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 122 - 132, 2011.

SCHROEDER, Christopher G. Making space for queer youth: adolescent and

**O Espaço Furtivo das Crianças e Adolescentes do Sexo Masculino nas
Experiências de Violência Sexual**

adult interactions in Toledo, Ohio. **Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography**, v. 19, n. 5, p. 635-651, 2012.

VALENTINE, Gil. The ties that bind: towards geographies of intimacy. **Geography Compass**, v. 2, n. 6, p. 2097 - 2110, 2008.

VIODRES INOUE, Silvia Regina & RISTUM, Marilena. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estudos de Psicologia**, v. 25, n. 1, p. 11 – 21, 2008.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460 – 482, 2001.

Recebido em 09 de junho de 2016.

Aceito em 07 de dezembro de 2016.

Rodrigo Rossi

297